

A esperança da revolução representada pela figura de Luiz Carlos Prestes no filme Olga

Vinicius Sales Barbosa, Universidade do Sagrado Coração (USC)¹

Resumo

O presente artigo consiste na análise do filme *Olga* (2004), que conta a história de Olga Benário em sua luta como militante comunista, prisioneira do regime nazista e, principalmente, sua relação com o *Cavaleiro da Esperança*, Luiz Carlos Prestes. Ainda que a obra aborde a biografia de Olga, o intuito desta pesquisa é destrinchar o filme em três pontos essenciais para o entendimento de sua estrutura e, posteriormente, apresentar as perspectivas historiográficas a respeito da Intentona Comunista, o papel da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no movimento e, como objetivo central, trabalhar a esperança da revolução que o filme confere à figura de Luiz Carlos Prestes.

Palavras-Chave: Olga, Cinema, História, Religião.

Abstract

This article analyzes the movie *Olga* (2004), which tells the story of Olga Benário in her fight as a communist militant, a prisoner of the Nazi regime, and especially her relationship with the Knight of Hope, Luiz Carlos Prestes. Although the work approaches the biography of Olga, the intention of this research is to unravel the film in three essential points for the understanding of its structure and, later, to present the historiographical perspectives regarding the Communist Uprising of 1935, the role of the National Liberating Alliance (ANL) and the Brazilian Communist Party (PCB) in the movement and, as a central objective, to study the hope of the revolution that the film confers to the figure of Luiz Carlos Prestes..

Keywords: Olga, Cinema, History, Religion.

Introdução

A obra cinematográfica *Olga*, baseada no livro homônimo de Fernando Morais, foi lançada e produzida no ano de 2004 pela emissora Globo Filmes e dirigida por Jayme Monjardim, responsável pelas novelas *O Clone* (2002) e *A Casa das Sete Mulheres* (2003). O filme utiliza das memórias de Olga Benário (1908-1942) para narrar a história e apresentar a sua relação com o partido comunista e a luta contra o regime nazista na Alemanha e, principalmente, o governo de Getúlio Vargas no Brasil, local no qual se passa a maior parte da história.

A pesquisa foi realizada com o uso de fontes cinematográficas pois garante ao historiador a possibilidade de “[...] apreender de uma nova perspectiva a própria história do século XX e da contemporaneidade” (BARROS, 2011, p. 178), devido à sua capacidade de permitir que análises sejam realizadas com as visões de diversos contextos contemporâneos.

¹ Graduado em História pela Universidade do Sagrado Coração (USC), Bauru – São Paulo. Artigo entregue para a avaliação das disciplinas de História do Brasil III e IV e História Contemporânea I e II, ministradas respectivamente pela Prof.^a Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa e Prof.^o Dr. Roger Marcelo Martins Gomes.

Com essa afirmação em mente, é possível verificar que o cinema pode ser “[...] compreendido como uma estrutura plural que engloba produção, consumação, hábitos, criatividade, valores simbólicos e imaginários que dizem respeito a uma sociedade específica” (GUTFREIND, 2006, p. 2), ou seja, o filme não se trata apenas de seu enredo, ele é fortemente influenciado pelo imaginário da época na qual é produzido e por seu contexto histórico e social.

Tendo em vista as características supracitadas a respeito de análise fílmica por um viés histórico, a presente pesquisa tem o objetivo de abordar “[...] as crenças, as intenções, ou seja, o imaginário humano” (NÓVOA, 1995, p. 4) do movimento comunista no Brasil retratado no filme *Olga* (2004). O propósito não é trabalhar o movimento como um todo, apenas destrinchar o enredo em dois pontos que servem de base para a construção da discussão central da pesquisa: separar o arcabouço da obra em três períodos-chave para uma análise mais detalhada da história² e analisar como é construída a característica da esperança da revolução atribuída a Luiz Carlos Prestes em sua participação como líder da Intentona Comunista representada pelo filme.

A desconstrução do filme

Conforme abordado por Juliana Sangion (2004, p. 38), a película é dividida em duas partes: a primeira utilizada para nos apresentar os personagens Olga Benário, interpretada por Camila Morgado, e Luiz Carlos Prestes, defendido por Caco Ciocler; e a segunda parte destinada a representar o romance vivido pelos dois, de tal forma a deixar a História em segundo plano.

Para uma análise mais detalhada nesta primeira parte da pesquisa é cabível realizar uma nova separação em três pontos: o primeiro destinado a trabalhar a construção da personagem Olga, o segundo com foco na relação de Olga e Prestes e o terceiro para conceder ênfase na representação da morte da personagem e o que se pode abstrair dessa cena. Essa divisão será a ponte para a segunda parte da pesquisa.

Para o trabalho do primeiro ponto elencado na pesquisa sobre a construção da personagem, pode-se abordar os minutos iniciais, nos quais vemos Olga ainda criança com a pretensão de pular uma fogueira em uma festa, seu pai a repreende, mas a menina segue em frente (Imagem 1). Uma cena aparentemente simples, entretanto, possui toda a estrutura que

² Durante o artigo será utilizado a palavra “História” com significados distintos: com inicial maiúscula refere-se ao saber histórico e com a inicial minúscula refere-se ao roteiro do filme.

auxilia na construção da figura da personagem quando adulta, ou seja, demonstra que ela “[...] é uma pessoa forte, que não teme enfrentar grandes perigos” (SILVA, 2005, p. 2).



Imagem 1: Olga pulando a fogueira, 1 min. 46 seg.

A partir dessa cena, diversas outras são fundamentais para a criação do imaginário ao redor dessa característica imponente da personagem, como, por exemplo, a manifestação nas ruas da Alemanha na qual a militância de Olga é visível e que gera conflitos familiares, o que a leva a sair de casa porque seus pais não concordavam com sua atuação no movimento comunista.

Nas manifestações, o namorado de Olga, Otto Braun, é preso e fica a encargo dela o resgate. No momento, vemos a personagem como a organizadora de toda a operação para a libertação de Braun. Após o ocorrido, os dois se dirigem para a URSS³ e na viagem possuem um diálogo sobre família e ela se diz surpresa porque não sabia que ele se importava tanto com esse aspecto. A forma como o filme aborda esse assunto, faz o espectador entender que, por estar tão conectada ao movimento revolucionário comunista, a personagem não possuiu tempo para assuntos familiares e emocionais, de acordo com Silva (2005, p. 3).

Na União Soviética ela tem treinamento militar e, no quartel, conhece as vitórias da Coluna Prestes⁴ durante a década de 1920 (MOREIRA, 2012, p. 267) e ouve pela primeira vez o nome *Cavaleiro da Esperança*, título dado a Luiz Carlos Prestes por liderar o movimento

³ URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

⁴ Durante a década de 20 o movimento tenentista, constituído a partir das colunas formadas pelas resistências ocorridas nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul em fins de 1924, ganhou forças e se dedicou a ir contra o governo ditatorial do presidente Arthur Bernardes; a historiografia sobre o período também reconhece tal movimento pelo nome de *Coluna Miguel Costa Prestes*, devido ao papel importante que o General Miguel Costa teve em organizar a Coluna em conjunto com Luiz Carlos Prestes (CUNHA, 2011) (CASTRO, 2016).

tenentista “[...] através de 25 mil quilômetros percorridos por todo o território nacional, sem jamais ter sofrido nenhuma derrota no combate”, de acordo com a historiadora Anita Leocádia Prestes (2005, p. 105).

Olga é chamada para conversar com seu superior no exército e é apresentada a Luiz Carlos Prestes. Nesse momento é visível a atuação do Komintern ao instruir Prestes a realizar um levante comunista no Brasil tendo Olga como sua guarda-costas e, para se criar um disfarce, acompanhante no caminho para as terras brasileiras. É perceptível a alcunha de “salvador” concedida ao personagem nesse momento da obra, característica que será abordada posteriormente.

O segundo ponto de divisão do filme proposto por esta pesquisa possui o intuito de focar na estruturação da relação de Olga e Prestes em sua viagem para o Brasil.

Novamente nos é apresentado a distância dos militantes comunistas das características familiares e emocionais, sendo o movimento a única importância para eles. O filme mostra o pragmatismo na relação de Olga e Prestes, ela como a guarda costas do indivíduo que levará a revolução social ao Brasil.

Quando o diretor decide produzir o filme concedendo ênfase ao lado afetivo, cria-se uma relação entre enredo e espectador “[...] de tal maneira que ele não tem tempo de fazer questionamentos sobre temas tão importantes e profundos como o comunismo e o nazismo” (SANGION, 2004, p. 39).

A questão do distanciamento emocional dos militantes fica mal explicada pelo enredo do filme, de tal forma a representar o movimento comunista por uma visão negativa. Esse aspecto é inerente à figura do diretor Monjardim, responsável pela tentativa de estabelecer uma conexão com o espectador e os personagens:

Ao produzir um filme o diretor acaba por imprimir perspectivas pessoais na tela, na medida em que constrói as cenas e as personagens conforme seu olhar frente a determinado aspecto histórico. Assim, deve-se analisar como é a representação da história, já que o filme mostra apenas um aspecto da realidade e apresenta as impressões de quem o produz. (FISCHER, 2005, p. 2)

De acordo com Michel Silva, há um entendimento errado provocado pelo filme sobre a abordagem de relações familiares no comunismo:

Marx entende que, apesar de a família na sociedade capitalista significar um progresso em relação às formas familiares anteriores, ao estar ligada ao sistema econômico do qual faz parte, sofre as consequências das contradições deste e, além disso, está a se degenerar (e caminhar para seu fim) junto com o capitalismo. (SILVA, 2005, p. 4)

O movimento não prega a extinção de laços familiares, pelo contrário, ele busca a criação dos mesmos fora do regime capitalista, porque este corrompe as relações.

Antes de abordar a construção da relação entre Olga e Prestes, é necessário verificar o que o comunismo prega sobre a relação mais pessoal entre os indivíduos:

Não há no marxismo uma teoria que proíba o amor, a entrega sentimental, a construção da relação amorosa e mesmo o casamento. O que há no marxismo é o incentivo a relações baseadas no respeito mútuo, na camaradagem (mesmo que não sejam camaradas de partido), na sinceridade e, por mais questionamentos que tal palavra possa causar, no amor. (SILVA, 2005, p. 5).

É possível verificar que a obra realiza uma leitura baseada em seus interesses sobre a História, ou seja, ela molda o ocorrido ao destino que deseja dar aos seus personagens. Isso fica evidente na mudança de interesses de Olga e Prestes. Antes os mesmos apenas tinham olhar para a causa comunista, não possuindo tempo para as questões particulares, mas, após se relacionarem e ficarem próximos, o melodrama invade a tela, com direito a uma cena íntima com velocidade reduzida para conceder importância à entrega de um ao outro (Imagem 2). Tais características de produção e meios de filmagem, como o movimento de câmera, podem ser vistas na maioria das novelas da Globo, principalmente as que são dirigidas por Monjardim.

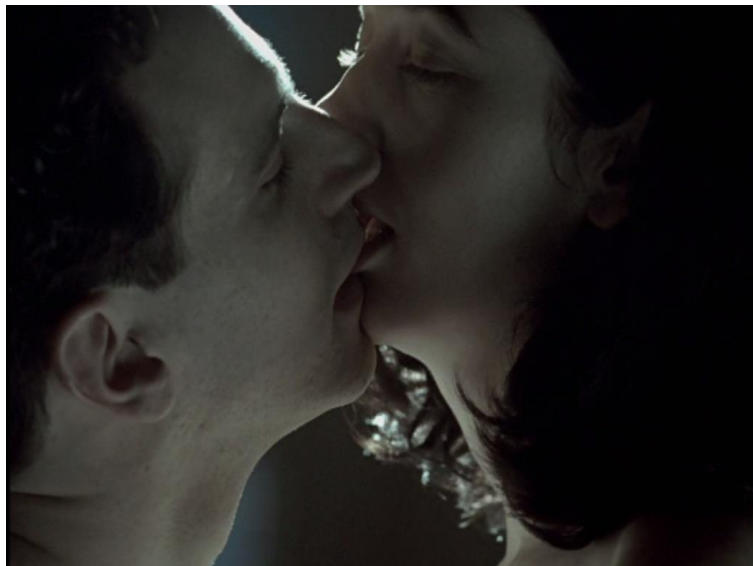


Imagem 2: Cena amorosa entre Olga e Luiz Carlos Prestes, 42 min. 41 seg.

Por fim, o último ponto de divisão do filme trabalha a representação da morte da personagem. Essa parte é confusa e, caso o espectador assista ao filme sem a legenda de tradução da língua alemã ele pode ter um entendimento ambíguo, pois a cena retrata Olga no campo de concentração de Ravensbrück, ela entra num ônibus e em seguida é mostrada dentro de uma câmara de gás com várias judias. Essa estruturação pode transmitir uma informação

incorreta, uma vez que Olga foi assassinada no campo de Bernburg, em 1942, de acordo com Oliveira (2005, p. 196), e a obra apresenta de uma forma que se entende que a morte dela foi em Ravensbrück.

Mesmo que a Rede Globo possua um demérito por trabalhar a questão Histórica sem aprofundamento, ela acerta na construção dos cenários e locações da obra, garantindo um maior realismo às cenas por transportar o espectador ao passado:

Olga funciona como uma janela através da qual o espectador pode ver o mundo real do passado. A produção do filme conseguiu recriar as cidades de Moscou, Berlim, Munique e Ravensbrück, sem sair do Rio de Janeiro. As sequências foram rodadas nos estúdios “Renato Aragão” da Rede Globo e em locações como a antiga Fábrica Bangu, que se transformou no campo de concentração de Ravensbrück. (SANGION, 2004, p. 39)

A maior parte do sofrimento de Olga ocorre enquanto ela está presa na Alemanha, após ter sido capturada no Brasil quando a Intentona deu errado e ser enviada por Getúlio aos nazistas por ser judia.

Nas cenas subsequentes vemos a mudança da personagem militante para a figura de mãe e esposa. A primeira característica que comprova essa mudança é o momento no qual dá à luz em pleno campo de concentração e sua preocupação passa a ser apenas a sua filha e não mais o movimento comunista; a segunda ocorre quando Olga deseja sair da prisão e voltar para seu marido e filha, após a mesma ter sido tirada dela e enviada para ficar com a mãe de Prestes, Anita Leocádia.

Se engana o espectador que possui uma visão simplista a respeito das cenas em que o emocional de Olga aflora. Ainda que a figura de mãe e esposa estejam presentes, a mulher forte que a personagem foi em seu tempo de militante pela causa comunista ainda continua em sua essência, prova disso é a violência sofrida por ela quando soldados alemães tentam tirar sua filha de seus braços e ela resiste.

O ápice desse momento é a cena final. Com um clima mórbido regado a uma trilha sonora dramática, Olga é levada a uma câmara de gás, juntamente com diversas judias. Enquanto elas estão gritando e agonizando, o filme mostra a personagem parada no centro da sala com um olhar vazio e sem medo (Imagem 3).



Imagem 3: Morte de Olga, 2 h. 14 min. 45 seg.

Nesse encerramento é possível perceber que novamente a personalidade forte toma conta da essência de Olga, mas agora o filme representa sua resistência contra a distância entre sua filha e marido provocada pelo regime nazista, não mais contra o capitalismo e seu apoio ao movimento comunista. A inversão de valores promovidas pelo enredo é digna de reviravoltas das novelas Globais.

O Cavaleiro da Esperança e a esperança da revolução

A segunda parte desta pesquisa é destinada a abordar a representação do movimento conhecido como *Intentona Comunista* no filme. Para uma análise mais consistente, é preciso trabalhar esses três pontos visando maior apreensão da essência da obra: a apresentação das vertentes historiográficas da Intentona que busca compreender qual foi o papel da Aliança Nacional Libertadora (ANL) no movimento e, por meio desse entendimento, relacionar a alcunha de *Cavaleiro da Esperança* à esperança de revolução que os aliancistas e comunistas veem na figura de Luiz Carlos Prestes, sendo este último o objetivo central do trabalho.

Conforme abordado pelo historiador Rodrigo Tavares, existem três correntes historiográficas a respeito da Intentona Comunista. A primeira é elencada pela historiadora Marly Vianna (*apud* TAVARES, 2013, p. 2834), que minimiza o papel da União Soviética no movimento e confere o crédito maior aos tenentes e militantes do PCB em conjunto com a ANL. A segunda visão sobre a Intentona é do jornalista Willian Waack (*apud* TAVARES, 2013, p. 2835), e coloca a União Soviética como principal influenciadora do processo revolucionário comunista no Brasil.

A terceira corrente historiográfica é trabalhada por Paulo Sergio Pinheiro (*apud* *ibid.*, p. 2835), que possui uma posição intermediária em relação às duas primeiras vertentes, ou seja, para ele houve articulação entre os tenentes, ANL, PCB e União Soviética para a organização do levante comunista.

A forma como o filme trabalha o movimento pode ser enquadrado na última vertente, uma vez que é possível verificar a influência da URSS, quando manda Prestes e Olga de volta ao Brasil, bem como o diálogo entre o PCB e a ANL, juntamente com os tenentes do exército, na articulação do movimento de 1935.

No Brasil vemos a estruturação da Intentona Comunista, com Prestes no comando e o PCB e a ANL servindo de apoio. O objetivo do movimento era a “[...] procura pela melhoria nas condições econômicas e sociais” (SANTOS, 2012, p. 43) do país.

A representação do movimento pelo filme ocorre de maneira a não conceder ênfase à História, apenas na importância que Olga e Prestes tiveram na articulação da Intentona. A revolta militar em Natal possui cenas rápidas do conflito e o movimento do Forte da Praia Vermelha (RJ) é apenas citado, ou seja, não há explicação sobre a estruturação dos levantes e nem como eles foram detidos pelas forças de Vargas.

Ainda que exista certos momentos históricos, alguns apenas serão compreendidos por historiadores porque o filme coloca a História em segundo plano e concede um foco maior ao romance vivido pelos personagens, uma vez que não possui o compromisso de abordar as historiografias sobre o período detalhadamente. Dessa forma, abre-se pouco espaço para o espectador pensar no contexto histórico, de acordo com Sangion (2004, p. 40).

Como supracitado, a participação da ANL é pouco explorada pela obra, salvo os rápidos momentos de articulação da Intentona Comunista dentro do esconderijo de Prestes no Brasil, sendo este a casa de um dos membros do PCB.

A criação da Aliança Nacional Libertadora, por Luiz Carlos Prestes e assessores do Komintern, foi realizada em um momento de forte efervescência política no Brasil (PANDOLFI, 2004, p. 176).

Foi criada em 1935 com o intuito de ser uma:

[...] organização política de abrangência nacional que movia cerrada oposição ao governo Vargas. Inspirada no modelo das frentes populares que surgiam na Europa para impedir o avanço do nazi-fascismo, a ANL incluía em seu programa, pontos como a anulação de todos os débitos às nações estrangeiras, a nacionalização das empresas estrangeiras, a garantia das liberdades públicas, a distribuição das terras dos latifúndios entre os camponeses e a proteção aos pequenos e médios proprietários. (PANDOLFI, 2004, p. 176)

A sua organização consistia em “adesões individuais de destacadas personalidades da cultura, da ciência e da política quanto de organizações populares, sindicais, femininas, juvenis, estudantis, democráticas, etc.” (PRESTES, 2005, p. 107).

Com essa pluralidade de personalidades em sua estrutura a ANL conseguiu se espalhar por diversos locais no Brasil, se tornou um amplo movimento de massas que, no mesmo ano de sua criação, incomodou o governo de Getúlio Vargas e o fez promulgar a Lei de Segurança Nacional, que resultou na ilegalidade da Aliança (PANDOLFI, 2004, p. 177).

A Lei representava bem os interesses do governo de Vargas, porque:

[...] intensificava a perseguição não só aos comunistas como aos aliancistas e antifascistas, prendendo e sequestrando seus líderes, proibindo seus atos públicos e invadindo ou depredando suas sedes e as dos jornais democráticos. Por outro lado, as autoridades policiais fechavam os olhos aos distúrbios promovidos por integralistas, quando não os incentivavam, na busca de pretextos para identificar a ANL com o “comunismo internacional”, justificando, assim, a necessidade do seu fechamento. (PRESTES, 2005, p. 110)

É importante elencar que, antes do processo revolucionário, o Partido Comunista Brasileiro não estava em conjunto com a Aliança, houve a junção quando “o PCB logo percebeu que a ANL poderia ser um importante instrumento para derrubar Vargas e implantar um governo nacional e popular”, segundo a historiadora Dulce Chaves Pandolfi (2004, p. 177).

As propostas do Partido Comunista visavam o desenvolvimento do Brasil, visto que este era um país atrasado e isso apenas seria possível com a destruição dos grandes latifúndios e do imperialismo norte-americano, e, ao perceber o grande crescimento da ANL, o PCB se coadunou a essa nova plataforma para que pudessem promover a revolução comunista (PANDOLFI, 2004, p. 177).

No filme, são poucas as cenas destinadas a mostrar essa relação entre a Aliança e o Partido e principalmente a força da ANL sobre a população. É possível verificar sua política apenas na cena de um discurso, proferido por um dos representantes e organizado por Prestes, que salienta a desigualdade causada pelo imperialismo (Imagem 4).



Imagem 4: Discurso da ANL, 53 min. 17 seg.

Novamente, é possível identificar que a obra não possui a preocupação de trabalhar a fundo essas características Históricas sobre o movimento, funcionando, na maior parte de sua duração, como meio de entretenimento ao espectador.

O objetivo de apresentar as correntes historiográficas, bem como a organização da Aliança e a participação do PCB na Intentona, é poder discutir o ponto central desta pesquisa: o caráter de revolucionário e salvador que o filme concede a Prestes o colocando como líder e arquiteto desse movimento.

Conforme abordado por Anita Prestes (2005, p. 105), “[...] sem o Cavaleiro da Esperança e tudo o que ele representava no Brasil, naquele momento, a ANL dificilmente teria existido [...]”, a partir dessa afirmação é perceptível que a figura de Prestes foi de grande importância tanto para a estruturação da Aliança, quanto no arcabouço da Intentona.

A escolha do Cavaleiro da Esperança como líder representou a “[...] imagem que lideraria camponeses, negros, trabalhadores e soldados rumo à revolução sob a plataforma da ANL”, de acordo com Tavares (2013, p. 2841).

Antes de trabalhar o ideal que Prestes representa no filme, é necessário relacionar aspectos do comunismo com princípios religiosos uma vez que a obra o trata como salvador. Ainda que essa ideologia não se enquadre nesse tipo de crença, é uma manifestação cultural que possui elementos que, de forma implícita, funcionam como características religiosas (COSTA, 2016, p. 44).

O comunismo possui diversos elementos que se aproximam de práticas religiosas, como o “culto a heróis, sacralização da vida proletária, sacralização do partido, leituras canonizadas

e feitas religiosamente”, de acordo com Costa (2016, p. 46), e esses elementos podem ser relacionados a diversas cenas de exaltação de Luiz Carlos Prestes.

O título concedido a Prestes é uma forma de culto a heróis e a imprensa teve seu papel na difusão desse ideal, porque o “[...] noticiário publicado por esses jornais acerca dos feitos da Coluna tendia a exaltar a figura do jovem capitão, acabando por transformar Prestes em mito, inclusive atribuindo-lhe a alcunha que o acompanharia por décadas: O Cavaleiro da Esperança” (MOTTA, 2004, p. 92).

O jornal tenentista *A Esquerda* foi responsável por conceder o título a Prestes e criar o *Dia do Cavaleiro da Esperança* no período em que o PCB buscava um herói para realizar a revolução no Brasil (TAVARES, 2013, p. 2841).

O Partido Comunista soube utilizar a imagem de Prestes para representar os “[...] anseios dos segmentos da população brasileira que consideravam urgente transformar as estruturas políticas e sociais do país”, segundo o historiador Rodrigo Motta (2004, p. 92).

Para o movimento comunista brasileiro, Prestes foi transformado em salvador:

Durante décadas ele foi comemorado, homenageado e cultuado, num trabalho cuidadoso de cultivo de um mito que gerava apreciáveis dividendos políticos. Apresentou-se Prestes como a encarnação dos ideais dos revolucionários brasileiros, síntese máxima das virtudes e das promessas do comunismo. (MOTTA, 2004, p. 93)

A ANL contou com a liderança de Prestes para sua direção, juntamente com ele vieram alguns companheiros da Coluna e os militantes do PCB, estes vindos por último devido ao receio de que o movimento pudesse se dissolver, igual o que ocorrera com o Bloco Operário Camponês (BOC)⁵ na década de 1920 (PRESTES, 2005, p. 107).

O filme representa em diversos momentos a liderança que Luiz Carlos Prestes exerce na articulação do movimento comunista. É possível verificar que todas as ferramentas e pessoas do PCB estão à disposição de Prestes, bem como o reconhecimento que ele possui no meio de seus companheiros e a confiança depositada em sua pessoa como condutor da revolução.

Os diretores da ANL não possuem certeza de que os comandantes dos quartéis e os trabalhadores irão aderir à revolução, mas Prestes os tranquiliza e diz que possui companheiros militares que ainda o apoiam desde os tempos da Coluna (Imagem 5). É possível verificar que

⁵ BOC: enfrentou dificuldades “tanto pelo lado da progressiva organização político-partidária da burguesia industrial, como pelo lado da própria classe operária, que, fiel à prática anarquista e anarco-sindicalista, não demonstrou muito apego à organização político-partidária”, de acordo com o historiador Edgar Salvadori De Decca (2004, p. 201).

a luz utilizada para iluminar sua figura é mais clara, de forma a passar um aspecto de paz e de verdade em sua fala.



Imagem 5: Reunião da ANL antes da Intentona, 55 min. 59 seg.

Ainda que a Intentona não tenha obtido êxito, é perceptível no rosto de Getúlio Vargas (Osmar Prado) o medo do ideal que o *Cavaleiro da Esperança* representa, porque as vitórias que Prestes conquistou nos tempos da Coluna ainda ecoam no gabinete presidencial.

Mesmo que o filme seja um drama histórico-biográfico sobre Olga Benário, a importância concedida pela obra à Luiz Carlos Prestes, principalmente sobre seu papel na articulação da Intentona Comunista de 1935, é feita de forma a enaltecer o mito construído no entorno de sua figura histórica.

Considerações Finais

De acordo com Sangion (2004, p. 37), “[...] a maior parte dos historiadores reluta em aceitar os filmes históricos como fontes históricas”. Sua afirmação está correta, uma vez que:

Todo o cuidado de produção do filme com a cenografia, o figurino e a caracterização dos personagens é, sem dúvida, válido quando se trata de um filme histórico, mas, procura fazer da tela apenas uma “janela para o passado” não contribui muito para uma visão crítica da História e para um debate mais amplo sobre o momento histórico em questão. (SANGION, 2004, p. 40)

Esta pesquisa, por meio de seus objetivos, apresentou diversos pontos que elencam a possibilidade que o filme *Olga* (2004) tem de ser utilizado como fonte para o estudo do movimento comunista brasileiro, da política do Brasil nesse período e do regime nazista na Europa.

Devido ao filme ser construído com um viés subjetivo, o tratamento dele como fonte deve ser realizado com o objetivo de aprofundar nos conteúdos apresentados, pois estes foram abordados de forma superficial, e criticá-lo com base na historiografia sobre o determinado assunto que se deseja estudar.

Olga proporciona uma visão ampla sobre a década de 1930 e localidades variadas (URSS, Alemanha e Brasil). Coube a este trabalho desconstruí-lo e trabalhar os aspectos que o estruturam, como a biografia da personagem principal e os acontecimentos que ocorrem concomitante à sua história, e, com o intuito de atingir o objetivo central, refletir sobre a historiografia da Intentona Comunista e o papel que a ANL e o PCB tiveram nesse movimento.

A figura de Luiz Carlos Prestes na História da política brasileira é importante, participou da Coluna na década de 1920 e retornou ao Brasil em 1935 para realizar a revolução comunista, conforme abordado no decorrer do texto. A pesquisa buscou trabalhar a construção do imaginário sobre o caráter de revolucionário e salvador na figura do *Cavaleiro da Esperança* no período que o PCB e a ANL precisavam de um herói para sua causa e promover a reflexão sobre as cenas do filme que enaltecem esse mito.

Ainda que a História apareça de forma a dar significado à vida da personagem principal (SANGION, 2004, p. 38), o filme consegue abordar a conjuntura da época e o papel de salvador que Prestes teve no levante comunista, mas a sua construção foi realizada com o objetivo de entreter o espectador, fazendo com que o romance prevaleça diante de fatos Históricos, esses sendo identificados apenas pelo olho do historiador.

Fontes

OLGA. Direção: Jayme Monjardim. Produção: Claudia Braga. Brasil: Europa Filmes/Globo Filmes, c2004. 1 DVD (140 min), widescreen, color.

Referências Bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. Cinema e História - considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Metodista (UMESP), Ano 32, n°55. p.175-202, 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/2324/2504>. Acesso em: 26 de jun. de 2018.

CASTRO, Maria Clara Spada de. A formação da Coluna Miguel Costa - Prestes: Conflitos e (re)construções em marcha. In: I SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA MILITAR, 1., 2016, Rio de Janeiro: Escola Superior de Guerra. **Anais...**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina: UEL, 2016. p. 1 - 15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/his/ISNHM/index.php?arq=ARQ_P_principal. Acesso em: 19 jan. 2019.

COSTA, Matheus Oliva. Conversão socialista: algumas hipóteses sobre o marxismo como uma religião secular. **Último Andar**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica (PUC), n. 27, p. 42-58, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/27092>. Acesso em: 26 jun. 2018.

CUNHA, Paulo Ribeiro da. O General Miguel Costa: Socialismo e Esquerda Militar. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2011, São Paulo. **Anais...**. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. p. 1 - 10. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares#P>. Acesso em: 19 jan. 2019.

DECCA, Edgar Salvadori De. **1930-O Silêncio dos Vencidos**. Memória, História e Revolução. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FISCHER, Morgana. Da história para as telas: a construção de Olga Benário no cinema brasileiro. **Repositório de TCCS dos cursos de comunicação da UFSM**. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Campus Frederico Westphalen, p. 01-21, jan. 2010. Disponível em: <http://decom.ufsm.br/tcc/2010/10/02/da-historia-para-as-telas-a-construcao-de-olga-benario-no-cinema-brasileiro-4/>. Acesso em: 26 jun. 2018.

GUTFREIND, Cristiane Freitas. O filme e a representação do real. Publicação do 15º Encontro Anual do COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP/Bauru, v. 6, p. 1 a 12, 6 a 9 jun. 2006. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/viewArticle/90>. Acesso em: 26 jun. 2018.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. História e memória da insurreição de 1935 nas entrevistas de Luiz Carlos Prestes. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo - RS, v. 4, n. 8, p. 266-278, dez. 2012. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/139>. Acesso em: 26 jun. 2018.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Batalhas em torno do mito: Luiz Carlos Prestes. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 91-115, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2223/1362>. Acesso em: 26 jun. 2018.

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. O Olho da História. **Revista de História Contemporânea**, Salvador, v. 1, n. 1, nov. 1995. Disponível em: <http://www.cinemahistoria.org/2015/04/novoa-jorge-apologia-da-relacao-cinema.html>. Acesso em: 26 de jun. de 2018.

OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares De. **História da Psicanálise**. São Paulo (1920-1969). 1 ed. São Paulo: Escuta, 2005.

PANDOLFI, Dulce Chaves. A Aliança Nacional Libertadora e a Revolta Comunista de 1935. In: Getúlio Vargas e seu tempo. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2004. p. 175-182. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/11976>. Acesso em: 26 de jun. 2018.

PRESTES, Anita Leocadia. 70 anos da aliança nacional libertadora (ANL). **Estudos Ibero-Americanos**, PUC-RS, v. 31, n. 1, p. 101-120, jun. 2005. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/memoria/1935/a_pdf/anita_leocadia_70_anos_anl.pdf. Acesso em: 26 de jun. 2018.

SANGION, Juliana. Olga, o filme: quando a opção pela emoção sobrepõe-se ao momento histórico abordado. **Sessões do imaginário - cinema, cibercultura e tecnologias da imagem**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), v. 9, n. 12, p. 37-42, dez. 2004. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/828>. Acesso em: 26 de jun. 2018.

SANTOS, Kleber Oliveira Dos. A revolta comunista de 1935 e as perspectivas de análise das atuais manifestações populares. **Revista Perspectiva Sociológica**. São Cristóvão - Rio de Janeiro, n. 8 e 9, p. 38-47, 2º sem. 2011/1º sem. 2012. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/ps/article/view/1020>. Acesso em: 26 de jun. 2018.

SILVA, Michel. Esvaziando Olga. **Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar**. Departamento de ciências sociais - Universidade Estadual de Maringá (DCS/UEM), n. 6, abr./jul. 2005. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/006/06silva.pdf>. Acesso em: 26 de jun. 2018

TAVARES, Rodrigo Rodriguez. Imagens da mobilização: os desenhos da imprensa do PCB e a insurreição comunista de 1935. **ANAIS - IV Encontro Nacional De Estudos Da Imagem - I Encontro Internacional De Estudos Da Imagem**, Londrina-PR, p. 2833-2848, mai. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Rodrigo%20Rodriguez%20Tavares.pdf>. Acesso em: 26 de jun. 2018.